

Convívio pacífico com as esquerdas

A coisa mais fácil em política, no Brasil, é rotular as pessoas. Foi, porém, difícil colocar rótulo para definir a posição política de Tancredo Neves. Seus adversários, desde a antiga UDN, depois Arena ou PDS, não sabiam como defini-lo. Seus correligionários, desde o antigo PDS ou seu mais próximo aliado PTB, também não. As esquerdas, contudo, o situavam sempre na faixa de um liberal-conservador, o que pode parecer paradoxal, como paradoxal, às vezes, são os caminhos das decisões políticas.

Mas, na verdade, se desejássemos encontrar uma definição simplista para o político Tancredo Neves, poderíamos chamá-lo de um homem tolerante que

amava a conciliação, sem que, no entanto, jamais conciliasse com os excessos.

Tancredo Neves sempre teve consciência de que os comunistas, principalmente os do partidão — Partido Comunista Brasileiro — da mesma maneira como apoiaram Juscelino, o marechal Lot e Jango, também o apoiaria por razões até mais justificáveis, depois de 20 anos de regime militar.

Por este motivo, Tancredo Neves, nunca procurou flertar com a esquerda. Não seria necessário. Seu passado de democrata era o seu passaporte.

Em toda a sua vida pública, nunca ficou com a opressão. Foi ministro de Vargas não na ditadura, mas quando ele foi presidente eleito em 1950 pelo voto do povo. Foi

ministro de Jango no parlamentarismo. Veio o golpe de 1964, apoiava João Goulart e nunca ficou com a ditadura durante os 20 anos de arbítrio.

Este era o seu passado, e este era o seu único argumento para que as esquerdas confiassem nele e o apoiassem no seu projeto de transição com a formação da Aliança Democrática, que permitiu sua eleição e a de José Sarney para vice-presidente da República. Em nenhum momento Tancredo Neves prometeu aos comunistas a legalização do partido, colocando acima de qualquer ordem pessoal o compromisso de se ater solenemente à decisão soberana da Constituição ou do Congresso Nacional em torno do reconhecimento ou não do PCB.